

Do clássico ao popular

Rosa Minine

Pianista, compositor, arranjador, Leandro Cabral não se cansa de lutar pela música de alta qualidade. Vivendo música desde bem pequeno, Leandro usa o ensino musical para passar o que sabe e somar mais pessoas com o mesmo objetivo, enquanto divulga seu primeiro álbum, o EP *Sobre Tradição*, e se prepara para lançar seu segundo trabalho ainda este ano.

— Comecei a estudar piano clássico aos sete anos de idade, e o contato musical na primeira infância foi primordial para mim. Conheci o piano popular por volta dos 13 anos, o sistema de cifras e a liberdade na interpretação e construção dos encadeamentos. Me apaixonei e nunca mais larguei — fala.

Leandro se aprofundou nos estudos de piano popular a partir dos 15 anos de idade, na Fundação das Artes de São Caetano do Sul, dando continuidade na faculdade. Ele é natural de Santo André (SP).

— Existem diferenças entre as duas escolas de piano, clássica e popular: a popular se baseia principalmente nos pianistas de jazz e aqui no Brasil, Chiquinha Gonzaga e Ernesto Nazareth criaram as bases; enquanto que na tradição europeia o pianista se detém mais em questões de interpretação — explica.

— No piano popular a composição, arranjo e interpretação podem se misturar com facilidade. Contudo, vejo as duas escolas como atributos diferentes do mesmo instrumento — expõe.

— Existem muito mais elementos que unem o piano clássico do piano popular do que os separam, e o piano, por sua vez, está a serviço da música. Sendo assim, procuro me banhar nas duas fontes, que na verdade é apenas uma — continua.

Leandro leciona piano popular na Faculdade Souza Lima, em São Paulo. E já participou de oficinas importantes, como 'O Piano Brasileiro na Casa do Núcleo'.

— A Casa do Núcleo é um encontro anual idealizado e produzido pelo grande pianista Benjamin Taubkin. A ideia é ser uma mostra da produção atual dos pianistas de destaque no cenário nacional. Se realiza



através de concertos e oficinas — diz.

— O piano brasileiro tem muitas vertentes, seja mais clássica ou mais popular, seja mais nacionalista, jazzista ou com influências diversas. Isso fica muito claro nos eventos da Casa do Núcleo — continua.

— Meu trabalho solo tenta estar dentro de uma fusão entre ritmos brasileiros, improvisação e liberdade jazzísticas, e uma certa introspecção do jazz europeu. Adoro pulsar das claves de música regional brasileira, vibro com Bill Evans e Herbie Hancock. Tord Gustavsen, Bach ou Debussy me arrebatam. É impossível falar do que gosto mais — declara.

Ele adquiriu uma ampla experiência como músico tocando nas noites de São Paulo.

— Toco na noite há mais de 15 anos. Felizmente quase sempre pude trabalhar com repertório de jazz, bossa nova e MPB de alto nível. Acredito ser de fundamental importância para o músico instrumentista ou

cantor ter essa vivência — fala.

— Como o advento dos DJ's e, posteriormente, MP3, Youtube etc., a música ao vivo perdeu muito público. Isso é um problema sério de nossa sociedade atual, e não é só musical, mas cultural. Infelizmente é um fenômeno que acomete todo o mundo — constata.

Música instrumental crescente

— Contudo, tenho visto um movimento de música instrumental crescente nos últimos anos. Novos festivais acontecem todo ano no Brasil inteiro. Um revival ainda tímido tem começado a mudar a cena. Ouço muita reclamação no sentido das dificuldades para trabalhar a música instrumental, porém, menos ação do que poderia ter — expõe.

— Não estou falando que é fácil, afinal, a música instrumental é um tipo de arte sutil numa sociedade cada vez mais brutalizada. Apesar de uma

maior procura de música instrumental aqui em São Paulo nos últimos anos, o público em geral ainda é muito leigo — diz.

Para Leandro, a educação musical é o caminho para mudar o cenário atual.

— A educação musical gera naturalmente um novo discernimento nas pessoas a médio prazo. Produz um público desejoso em consumir obras mais interessantes e a recusa de obras inferiores — fala.

— Alguma parte da grande mídia favorece sim o caos cultural, mas, este só permanece porque a sociedade o mantém ativamente. Parece ser uma via de mão dupla. Ouvir música de qualidade duvidosa é produto de uma sociedade culturalmente doente — continua.

— O governo tem sua parcela de culpa, as grandes mídias também, mas, nós não podemos nos eximir da nossa responsabilidade. A boa música também se aprende em casa — afirma.

Ano passado Leandro lan-

çou seu primeiro álbum, o EP "Sobre Tradição".

— O título é uma reverência às tradições da canção, pois todas as músicas gravadas são canções, e da música instrumental improvisada. Mas tocamos com a liberdade da música instrumental improvisada — explica.

— Formo um trio com Sidiel Vieira, contrabaixo, com quem toco há mais de dez anos, e Vitor Cabral, bateria, meu irmão biológico e de vida. Atuamos juntos frequentemente em trabalhos diferentes, e resolvi chamá-los para gravar meu primeiro álbum. Este trabalho é, de uma certa forma, resultado de todos esses anos de relação — diz.

— O repertório foi escolhido dentro do estúdio minutos antes de gravar. Além do Vitor e do Sidiel, o grande saxofonista Cássio Ferreira participou em

duas músicas. Selecionamos alguns *standards* que gostamos de tocar, combinamos alguns detalhes e gravamos — fala.

Eleandro já se prepara para lançar ainda este ano seu segundo trabalho, o CD *Alfa*.

— A maioria das composições são minhas, tocadas com o trio: samba, ijexá, baião, vassi e uma canção com a participação especial da cantora Vanessa Moreno e do saxofonista Cássio Ferreira. O trabalho está muito bonito — avisa.

— Apesar das dificuldades, me realizo muito tocando e compondo. Gostaria de incentivar os jovens músicos a se dedicarem com amor em seus estudos e acreditarem que é possível fazer música de qualidade — fala.

— A crise de valores culturais não é nenhuma novidade na história humana, sempre aconteceu em maior ou menor intensidade. Nunca foi fácil pra ninguém trabalhar seriamente. Façamos nós aquilo que queremos no mundo — conclui. ▣

